

KARL OVE KNAUSGÅRD

# A descoberta da escrita

*Minha luta 5*

*Tradução do norueguês*  
Guilherme da Silva Braga



# Sumário

[Parte 6](#)

Parte 7

Sobre o autor

## PARTE 6

Os catorze anos durante os quais morei em Bergen, de 1988 a 2002, acabaram faz tempo, e não deixaram nenhum rastro, a não ser como episódios que talvez certas pessoas ainda lembrem, um lampejo numa cabeça aqui, um lampejo numa cabeça ali, e claro tudo que existe na minha própria lembrança daquele tempo. Mas é surpreendentemente pouco. Tudo que restou dos milhares de dias que passei naquela pequena cidade com ruas estreitas e reluzente de chuva em Vestland são uns poucos acontecimentos e umas quantas atmosferas. Eu tinha um diário na época, porém mais tarde o queimei. Tirei umas fotografias, e ainda tenho doze, que estão empilhadas no chão ao lado da minha escrivaninha, junto com todas as cartas que recebi naquela época. Eu as folheei, li um pouco aqui e um pouco acolá e em todas as vezes acabei desanimado, porque foi uma época terrível. Eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada. Mas como estava animado na hora de viajar para lá! Eu tinha ido de carona até Florença com Lars naquele verão, passamos uns dias lá, depois pegamos o trem até Brindisi, estava tão quente que eu tinha a impressão de estar queimando quando enfiava a cabeça para fora da janela do vagão. Noite em Brindisi, céu escuro, casas brancas, um calor quase sobrenatural, grandes multidões nos parques, jovens de *moped* por toda parte, gritos e barulho. Entramos numa fila em frente ao portaló do enorme navio que zarparia rumo a Pireu, junto com várias outras pessoas, quase todas jovens e de mochila nas costas como nós. 49 graus em Rodes. Um dia em Atenas, o lugar mais caótico onde eu já tinha estado, um calor inacreditável, depois o barco a Paros e Antíparos, onde passávamos

os dias estendidos na praia e as noites enchendo a cara de destilado. Certa noite encontramos umas garotas norueguesas por lá, e enquanto eu estava no banheiro, Lars disse que era escritor e que ia começar um curso na Skrivekunstakademiet quando o outono chegasse. Estavam todos falando muito animados quando voltei. Lars me olhou e sorriu. O que estava fazendo? Eu sabia que ele mentia sobre bagatelas, mas na minha frente? Eu não disse nada, mas decidi me afastar a partir de então. Chegamos juntos a Atenas, meu dinheiro tinha acabado, Lars ainda tinha um monte e resolveu pegar um avião de volta para casa uns dias mais tarde. Estávamos num restaurante com mesas na rua, ele comia frango, tinha o queixo reluzente de gordura, e eu bebia um copo d'água. A última coisa que eu queria era pedir dinheiro emprestado, o único jeito de aceitar dinheiro de Lars seria caso ele se oferecesse para me emprestar. Como não aconteceu, achei melhor passar fome. No dia seguinte Lars foi ao aeroporto, e eu peguei um ônibus que saía da cidade, descii à beira de uma estrada e comecei a pedir carona. Poucos minutos depois uma viatura parou, os policiais não falavam sequer uma palavra de inglês, mas entendi que era proibido pedir carona, então peguei o ônibus de volta ao centro e com os meus últimos trocados comprei uma passagem de trem para Viena, um pão, uma Coca-Cola e uma carteira de cigarro.

Achei que a viagem levaria poucas horas e entrei em choque ao descobrir que na verdade seriam praticamente dois dias inteiros. Na cabine havia um garoto sueco da minha idade e duas garotas inglesas que aparentavam ser uns dois anos mais velhas. Já estávamos no interior da Iugoslávia quando eles perceberam que eu não tinha comida nem dinheiro e me ofereceram um pouco do que tinham. O cenário no outro lado da janela era tão bonito que chegava a doer. Vales e rios, fazendas e vilarejos, pessoas vestidas com roupas que eu associava ao século XIX e que provavelmente trabalhavam na terra como se fazia naquela época, com cavalos e carroças, foices e arados. Parte da composição era soviética, eu andei pelos vagões à noite, encantado com aquelas letras estranhas,

com aqueles cheiros estranhos, com aquele cenário estranho, com aqueles rostos estranhos. Quando chegamos a Viena, Maria, uma das garotas, queria trocar endereços comigo, ela era atraente e em uma situação normal eu teria pensado em visitá-la em Norfolk no futuro, talvez namorá-la e me mudar para lá, mas naquele dia, vagando pelas ruas na periferia de Viena, aquilo não significava nada para mim, meus pensamentos ainda eram dominados por Ingvild, que eu tinha encontrado uma única vez, na Páscoa daquele verão, mas a partir de então começamos a trocar correspondências e tudo mais empalideceu. Peguei carona com uma mulher loira e séria na casa dos trinta anos até um posto de gasolina na beira da estrada, onde perguntei a uns caminhoneiros se teriam lugar para mim, um deles fez um gesto afirmativo com a cabeça, ele devia ter perto de cinquenta anos, era moreno e magro e tinha um olhar pesado e brilhante, disse que só ia comer alguma coisa antes.

Fiquei do lado de fora em meio à penumbra quente fumando e olhando para todas as luzes ao longo da estrada que pareciam cada vez mais definidas à medida que a noite caía, rodeado pelo rumor do tráfego que de vez em quando era interrompido por discretas mas súbitas batidas nas portas dos carros e pelas vozes repentinas das pessoas que se movimentavam pelo estacionamento, chegando ou saindo do posto de gasolina. Na parte de dentro as pessoas comiam sozinhas em silêncio, em meio a uma ou outra família com crianças que se esparramavam por cima da mesa. Eu me sentia repleto de um júbilo silencioso, era justamente aquilo o que eu mais amava, o familiar e o conhecido, uma estrada, um posto de gasolina, uma cantina, que no entanto não eram conhecidos, por toda parte havia detalhes que os diferenciavam dos lugares que eu conhecia. O caminhoneiro saiu, fez um aceno de cabeça, eu o segui, entrei na enorme cabine, larguei a mochila na parte de trás e me acomodei no assento. Ele deu a partida no motor, tudo rugiu e estremeceu, as luzes se acenderam, saímos devagar, aos poucos fomos ganhando velocidade, mas o tempo inteiro havia um peso enorme, e por fim estávamos confortavelmente acomodados na pista da direita e o

homem lançou o primeiro olhar na minha direção. *Sweden?*, ele disse. *Norwegen*, eu disse. *Ah, Norwegen!*, ele disse.

Passei a noite inteira e uma parte do dia seguinte na companhia dele. Trocamos nomes de jogadores de futebol, notei que Rune Bratseth o deixou particularmente entusiasmado, mas como o caminhoneiro não falava uma palavra de inglês, ficou por isso mesmo.

Eu estava na Alemanha e sentia muita fome, mas sem uma coroa no bolso não me restava nada além de fumar e pegar caronas e torcer para que tudo desse certo. Um homem jovem parou em um Golf vermelho, disse que o nome dele era Björn e que faria uma viagem um tanto longa, não tive problemas para falar com ele, e à tarde, quando chegamos, ele me convidou para entrar na casa dele e me ofereceu uma tigela de granola com leite, eu comi três porções, ele me mostrou fotografias de uma viagem que tinha feito à Noruega e à Suécia com o irmão quando ainda era pequeno, o pai deles era louco pela Escandinávia, ele disse, e por isso a escolha do nome Björn. O irmão se chamava Tor, ele disse enquanto balançava a cabeça. Depois Björn me levou de volta à estrada, eu o presenteei com a minha fita cassete tripla do The Clash, apertamos as mãos, nos despedimos com votos de boa sorte e mais uma vez me postei em frente a uma das confluências. Três horas mais tarde um homem barbado e de cabelos desgrenhados com óculos parou em um Citroën 2cv vermelho, ele disse que ia até a Dinamarca e que eu podia ir junto o caminho inteiro. O homem cuidou de mim, demonstrou interesse quando eu disse que escrevia, achei que ele talvez fosse professor universitário, pagou minha comida em uma cantina, eu dormi por umas horas, chegamos à Dinamarca, ele pagou mais comida para mim e, quando por fim nos despedimos, eu estava no meio da Dinamarca, a poucas horas de Hirtshals, ou seja, praticamente em casa. Mas esse último trecho foi um pouco mais complicado, minhas caronas não venciam mais do que umas poucas dezenas de quilômetros por vez, às onze da noite eu ainda estava em Løkken, e assim decidi passar a noite na praia. Caminhei por

uma estrada ao longo de uma floresta baixa, aqui e acolá o asfalto estava coberto de areia, e logo vi as dunas se erguerem à minha frente, eu subi e vi o mar estender-se cinza e reluzente sob a luz da noite escandinava. De um camping ou de um conjunto de cabanas próximo vinham os sons de vozes e motores de carro.

Era bom estar junto ao mar. Sentir o cheiro da maresia e a aspereza do vento que soprava. Aquele era o meu mar, eu estava quase em casa.

Encontrei um lugar adequado e desdobrei o saco de dormir, entrei para dentro, fechei o zíper e cerrei os olhos. Era uma sensação desagradável, eu tinha a impressão de que qualquer um podia me ver naquele lugar, mas os últimos dias tinham me deixado tão exausto que apaguei como uma vela ao ser soprada.

Acordei com chuva. Saí do saco de dormir sentindo o corpo frio e duro, vesti minha calça, arrumei minhas coisas e me afastei da praia. Eram seis horas. O céu estava cinza, o chuvisco caía em silêncio, quase imperceptível, eu estava congelando e comecei a andar depressa para aquecer o corpo. Eu me sentia atormentado pelas impressões deixadas por um sonho. Gunnar, o irmão do meu pai, estava lá, ou melhor, a fúria dele estava, o problema era que eu tinha bebido muito e feito um monte de coisas erradas, foi o que entendi enquanto eu me apressava em meio à mesma floresta baixa que eu tinha atravessado na noite anterior. Todas as árvores estavam imóveis e cinzentas sob a pesada camada de nuvens, mais próximas da morte que da vida. A areia se espalhava em montes em meio aos troncos, soprada em padrões variáveis e imprevisíveis, porém sempre determinados, em certos lugares como um rio de finos grãos sobre o asfalto irregular.

Cheguei a uma estrada larga, continuei a andar por mais uns quilômetros, larguei a mochila junto a um cruzamento e comecei a pedir carona. Não faltava muito até Hirtshals. Mas ao chegar lá eu não sabia o que fazer, afinal eu não tinha mais nenhum dinheiro, e não me deixariam embarcar de graça no ferry para Kristiansand. Será que não haveria como me enviar uma cobrança? E se eu



encontrasse uma alma bondosa que se condoesse ao ver a situação em que eu me encontrava?

Essa não. Os pingos de chuva ficaram maiores.

Por sorte não estava frio.

Acendi um cigarro, passei a mão nos cabelos. A chuva tinha derretido o meu gel, limpei a mão na perna da calça, inclinei o corpo e tirei o walkman da mochila, remexi nas poucas fitas que eu tinha comigo, escolhi *Skylarking* do XTC, coloquei-a para tocar e endireitei as costas.

Não tinha uma perna amputada no meu sonho? Tinha. Cortada logo abaixo do joelho.

Eu sorri, e então, quando a música começou a sair dos pequenos alto-falantes, me senti repleto pela atmosfera da época em que aquele álbum tinha saído. Devia ter sido durante o segundo ano do colegial. Mas acima de tudo o que me preencheu foi a imagem da casa em Tveit, onde eu me sentava na cadeira de vime e bebia chá e fumava e ouvia *Skylarking*, apaixonado por Hanne. Yngve na companhia de Kristin. Todas as conversas com a minha mãe.

Ao longe um carro apareceu na estrada.

*When Miss Moon lays down*

*And Sir Sun stands up*

*Me I'm found floating round and round*

*Like a bug in brandy*

*In this big bronze cup*

Era uma picape que tinha o nome de uma firma estampado em vermelho no capô, devia ser um trabalhador a caminho de um serviço, ele nem ao menos olhou para mim ao passar, e então a segunda faixa surgiu da primeira, eu adorava aquela transição, uma coisa surgiu também dentro de mim e comecei a brandir a mão no ar enquanto andava de um lado para o outro.

Mais um carro apareceu ao longe. Estendi o dedão. Mais uma vez o motorista parecia ser um homem aborrecido que não se dignou sequer a olhar para mim. Claramente eu estava numa estrada com

intenso tráfego local. Mas será que apesar disso ninguém poderia me dar carona? Me levar para uma estrada maior?

Somente umas duas horas mais tarde alguém se compadeceu de mim. Um alemão de vinte e poucos anos, com óculos de armação redonda e aparência séria, manobrou o pequeno Opel, eu saltei para dentro do carro, joguei a mochila no banco de trás, que já estava cheio de bagagem, e me sentei ao lado do motorista. Ele disse que tinha saído da Noruega e estava indo rumo ao sul, que podia me deixar perto da autoestrada, não era longe, mas talvez já ajudasse um pouco. Eu disse *yes, yes, very good*. As janelas estavam muito embaçadas, ele inclinava o corpo para a frente e limpava o para-brisas com um pano. *Maybe that's my fault*, eu disse. *What?*, ele perguntou. *The mist on the window*, eu disse. *Of course it's you*, ele bufou. Tudo bem, pensei, se é assim que você prefere, e então me reclinei no banco.

Ele me largou vinte minutos mais tarde, em um grande posto de gasolina, onde fiquei andando de um lado para o outro e perguntando a todo mundo se alguém ia para Hirtshals e se podia me dar uma carona. Eu estava molhado e com fome, todo desarrumado após vários dias na estrada, e por muito tempo todos simplesmente balançaram a cabeça, até que um homem com um caminhão de carga que parecia estar cheio de pão sorriu e disse pois não, suba, eu estou indo para Hirtshals. Durante todo o trajeto fiquei pensando em pedir ao homem que me desse um pão, mas não tive coragem, o máximo que consegui fazer foi mencionar que eu estava com fome, sem que no entanto ele mordesse a isca.

Quando nos despedimos em Hirtshals, um ferry estava prestes a zarpar. Corri até o guichê de passagens com a mochila pesada nas costas, expliquei minha situação esbaforido à atendente, eu não tinha dinheiro, será que não dava para me arranjar uma passagem mesmo assim e depois me enviar uma cobrança? Eu tinha comigo o meu passaporte, estava disposto a me identificar e a pagar a conta. Ela deu um sorriso amistoso e balançou a cabeça, não havia como, o único jeito seria pagar em dinheiro. Mas eu *tenho* que pegar o

barco!, eu disse. Para *voltar para casa!* E não tenho dinheiro! Ela tornou a balançar a cabeça. Me desculpe, ela disse, e então desviou o rosto.

Me sentei no meio-fio na região do porto com a mochila entre as pernas e fiquei olhando o enorme ferry se afastar do cais, deslizar pelas águas e desaparecer no mar.

O que eu podia fazer?

Uma possibilidade seria pedir carona de volta ao sul, até a Suécia, e depois subir pela estrada. Mas será que não havia nenhuma travessia pela água nesse caminho?

Tentei visualizar o mapa, será que não existia uma ligação por terra entre a Dinamarca e a Suécia em algum lugar? Eu achava que não. Não seria preciso descer até a Polônia, subir pela União Soviética até a Finlândia e de lá entrar na Noruega? Nesse caso seriam mais duas semanas de carona. E para entrar nos países do bloco oriental eu precisava de visto, não? Mas claro que eu também podia ir a Copenhague, a cidade ficava a poucas horas de distância, e lá eu certamente daria um jeito de arranjar dinheiro para o ferry até a Suécia. Eu podia mendigar, se fosse necessário.

Outra possibilidade seria pedir à minha mãe que transferisse dinheiro para um banco na Dinamarca. Não seria complicado, mas podia levar uns dias. E além do mais eu não tinha dinheiro para telefonar para casa.

Abri uma carteira de Camel e fiquei olhando os carros que não paravam de entrar na nova fila enquanto eu fumava três cigarros um atrás do outro. Um monte de famílias norueguesas que tinham ido visitar a Legoland ou a praia em Løkken. Uns alemães em viagem para o norte. Muitos motor-homes, muitas motocicletas e mais longe os enormes caminhões de carga.

Sentindo a boca seca, peguei novamente o walkman. Dessa vez coloquei uma fita do Roxy Music. Mas já no fim da primeira canção a música começou a desafinar e a luz indicadora de bateria fraca começou a piscar. Tornei a guardar o walkman e me levantei, coloquei a mochila nas costas e comecei a ir em direção à cidade,

em meio às poucas e desoladas ruas de Hirtshals. De vez em quando eu sentia uma pontada de fome na barriga. Pensei em entrar numa padaria e pedir um pão, mas estava claro que não me dariam. Eu mal conseguia suportar a ideia dessa rejeição humilhante, e assim preferi guardá-la para quando realmente estivesse em apuros. Para quando eu estivesse literalmente disposto a comer o pão que o diabo amassou, pensei enquanto eu voltava ao porto. Parei em frente à combinação de café com lanchonete, lá eu achava que poderia ao menos arranjar um copo d'água.

O atendente fez um aceno de cabeça e encheu um copo para mim na torneira logo atrás. Me sentei próximo à janela. O lugar estava quase cheio. Na rua tinha começado a chover outra vez. Fiquei bebendo minha água e fumando. Em seguida dois garotos da minha idade entraram, com roupas completas de chuva, abriram os capuzes e começaram a olhar ao redor. Um deles se aproximou, podemos nos sentar aqui? *Of course*, eu disse. Começamos a conversar, os dois eram da Holanda e estavam a caminho da Noruega, e disseram que tinham feito todo o trajeto de bicicleta. Os dois quase morreram de rir quando eu disse que tinha viajado de Viena a Hirtshals sem nenhum dinheiro, e que naquele momento eu estava tentando arranjar um jeito de pegar o ferry. É por isso que você está bebendo água?, perguntou um deles, eu acenei a cabeça, ele me ofereceu um café, eu disse *that would be nice*, ele se levantou e comprou o café.

Dei uma volta com os dois, eles disseram que gostariam de me encontrar de novo a bordo e desapareceram com as bicicletas, arrastei os pés até o lugar cheio de caminhões de carga e comecei a perguntar aos caminhoneiros se eu não podia ir com eles, porque eu não tinha dinheiro para o ferry. Não, ninguém quis, lógico. Um por um os motores foram ligados e os caminhões começaram a subir a bordo, enquanto eu voltei ao café, me sentei e fiquei vendo o ferry que mais uma vez se afastou lentamente do cais e pareceu cada vez menor até meia hora mais tarde sumir por completo.

O último ferry zarparia no fim da tarde. Se eu não conseguisse

subir a bordo, teria que pegar carona de volta a Copenhague. Seria esse o plano. Enquanto esperava, tirei meu manuscrito da mochila e comecei a ler. Eu tinha escrito um capítulo inteiro na Grécia, em duas manhãs eu tinha atravessado a vau até uma ilhota, e de lá para uma segunda ilha, com sapatos, camiseta, bloco de anotações, caneta, um livro de bolso com *Jack* em sueco e cigarros em uma pequena trouxa equilibrada em cima da cabeça. Lá, em uma depressão na montanha, eu havia me sentado sozinho para escrever. Foi como se eu tivesse chegado ao lugar onde eu queria estar. Eu me encontrava numa ilha grega, em pleno Mediterrâneo, escrevendo meu primeiro romance. Ao mesmo tempo eu me sentia irrequieto, *não havia* mais nada lá além de mim, e percebi o vazio da situação somente quando aquilo passou a ser tudo que existia. Foi assim mesmo, meu próprio vazio era tudo, e mesmo quando eu estava concentrado lendo *Jack*, ou me inclinava por cima do bloco de anotações para escrever sobre Gabriel, meu personagem principal, o que eu notava era o vazio.

Às vezes eu dava um mergulho na água azul-escura e deliciosa, mas não conseguia dar muitas braçadas porque achava que talvez houvesse tubarões por lá. Eu sabia que não havia tubarões no Mediterrâneo, mas assim mesmo pensava que podia haver, e então caminhava devagar por terra com o corpo pingando enquanto me amaldiçoava, quanta estupidez, eu com medo de tubarões *naquele lugar*, por acaso eu tinha sete anos? Mas eu estava sozinho sob o sol, sozinho em frente ao mar, e além do mais vazio. Era como se eu fosse o último homem. Aquilo tornava a leitura e a escrita totalmente desprovidas de sentido.

Mas quando li o capítulo sobre o que eu havia pensado sobre o boteco dos marinheiros no porto de Hirtshals, achei que tinha ficado bom. Minha aceitação na Skrivekunstakademiet demonstrava que eu tinha talento, e que bastava desenvolvê-lo. Meu plano era escrever um romance durante o ano que estava começando, para então vê-lo lançado no outono seguinte, dependendo de quanto tempo fosse necessário para a impressão e tudo mais.

O romance chamava-se *Vann over/vann under*.

Horas depois, quando começou a escurecer, caminhei mais uma vez ao longo da fila de caminhões de carga. Havia caminhoneiros cochilando no banco do motorista, nesses casos eu batia na janela e via-os despertar com um sobressalto para então abrir a porta ou a janela e ouvir o que eu tinha a dizer. Não, eu não podia ir junto. Não, não havia como. Não, claro que não, por que eles pagariam a minha passagem?

O ferry atracou com as luzes acesas. Por toda parte as pessoas deram a partida no motor. Uma das fileiras de carro começou a movimentar-se devagar, os carros desapareciam naquela bocarra escancarada e sumiam em meio às profundezas do navio. Eu estava desesperado, mas dizia para mim mesmo que tudo acabaria bem. Afinal, nunca haviam circulado histórias sobre um jovem norueguês que tivesse morrido de fome durante as férias, ou então que não tivesse conseguido voltar para casa, ficando preso na Dinamarca, certo?

Em frente a um dos últimos caminhões de carga, três homens conversavam. Me aproximei deles.

— Olá — eu disse. — Será que um de vocês poderia me levar a bordo? Estou sem dinheiro para a passagem. E preciso voltar para casa. Faz dois dias que não como nada.

— De onde você é? — um deles me perguntou no dialeto de Arendal.

— *Ændal* — respondi, caprichando no dialeto. — *Ellåh Tromøya, då.*

— *Seiå du det!* — ele emendou, surpreso ao encontrar um conterrâneo. — *Æ kømmå au dæfra!*

— *Å henne då?* — perguntei, querendo saber mais detalhes.

— *Færvik* — ele disse. — E você?

— *Tybakken* — eu disse. — *Kan du ta mæ mé, ellåh?*

O homem fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Claro. Pode entrar. Mas fique escondido durante o embarque. Sem problemas.

E assim foi. Quando embarcamos, me encolhi no chão da cabine, de costas para a janela. O caminhoneiro estacionou, desligou o motor, eu peguei minha mochila e desci da cabine. Eu tinha os olhos úmidos quando agradeci. Ele me chamou mais uma vez, ei, espere um pouco! Me virei, ele me entregou uma nota de cinquenta coroas dinamarquesas, disse que não tinha o que fazer com aquilo, mas que talvez me servisse.

Peguei um lugar na cantina e comi uma porção grande de almôndegas. O barco começou a deslizar. A atmosfera ao redor era cheia de conversas empolgadas, era o fim da tarde e estávamos viajando. Pensei no meu caminhoneiro. Em geral eu não teria a mínima empatia com aquele tipo de pessoa, com homens que haviam desperdiçado a vida atrás do volante, não tinham nenhuma instrução, eram gordos e cheios de preconceitos sobre todas as coisas imagináveis, e aquele sujeito não era diferente, eu sabia disso, mas, porra, ele tinha me levado a bordo!

Na manhã seguinte, depois que os carros e as motocicletas desembarcaram do ferry em meio a ruídos e sacolejos para entrar nas ruas de Kristiansand, a cidade voltou a ficar em silêncio. Me sentei na escada da rodoviária. O sol brilhava, o céu parecia alto, o ar já estava quente. Eu tinha guardado parte do dinheiro que o caminhoneiro havia me dado para telefonar para o meu pai e dizer que eu havia chegado. Para ele não havia nada pior que uma visita inesperada. Ele e Unni tinham comprado uma casa a umas poucas dezenas de quilômetros do porto, e costumavam alugá-la durante o inverno e ocupá-la durante todo o verão, até a hora de voltar ao trabalho no norte da Noruega. Meu plano era passar uns dias lá e pedir dinheiro emprestado para uma viagem até Bergen, talvez de trem, porque era o jeito mais barato.

Mas era cedo demais para telefonar.

Peguei o pequeno diário que eu vinha mantendo durante aqueles meses e fiz anotações sobre tudo que tinha acontecido desde a Áustria. Gastei umas boas páginas com o sonho que tive em Løkken, aquilo tinha deixado uma impressão profunda, marcada no meu corpo como uma proibição ou um limite, eu acreditava que tinha sido um acontecimento importante.

Ao meu redor a frequência dos ônibus começou a aumentar, de repente mal passava um minuto sem que um novo ônibus parasse e se esvaziasse de passageiros. Estavam todos indo para o trabalho, dava para ver nos olhos, naqueles olhares vazios de assalariados.

Me levantei e fui dar uma volta pela cidade. A Markens Gate estava praticamente vazia, apenas um ou dois vultos andavam depressa para um lado ou para o outro. As gaivotas reviravam e bicavam o lixo embaixo de uma lixeira onde o fundo havia caído. Cheguei em frente à biblioteca, a força do hábito me levou até lá, porque um pouco do sentimento de pânico que eu tinha quando frequentava o lugar na minha época de colegial havia tomado conta de mim, um sentimento de que eu não tinha para onde ir, e de que todo mundo estava percebendo, e eu sempre tinha resolvido esse problema indo para lá, para o lugar onde era possível estar sozinho sem que ninguém começasse a fazer perguntas.

À minha frente estava o mercado, com o muro cinzento da igreja e o telhado verdigris. Tudo parecia meio desolado, Kristiansand era uma cidade pequena, naquela hora eu percebi com enorme clareza, depois de haver visitado a outra ponta da Europa e visto a situação por lá.

Junto ao muro do outro lado um morador de rua dormia. Com a barba e os cabelos compridos e as roupas esfarrapadas, parecia um homem das cavernas.

Me sentei num banco e acendi um cigarro. E se aquele cara estivesse aproveitando o melhor que a vida tem a oferecer? Ele só fazia o que estava a fim. Se quisesse arrombar um estabelecimento, era isso que fazia. Se quisesse encher a cara, era isso que fazia. Se quisesse importunar os pedestres, era isso que fazia. Quando estava



com fome, roubava comida. Mas tudo bem, por outro lado as pessoas o tratavam ou como um lixo ou como se não existisse. Mas, desde que não se importasse com os outros, isso não fazia a menor diferença.

Os primeiros seres humanos deviam ter vivido daquela maneira antes de escolher um lugar fixo para morar e começar a prática da agricultura, na época em que vagavam pelo mundo comendo o que encontravam, dormiam em abrigos improvisados e todos os dias eram iguais, fosse o primeiro ou o último. Aquele morador de rua não tinha uma casa para onde pudesse voltar, não tinha uma casa que o prendesse, não tinha um trabalho a que precisasse se adaptar, não tinha horários a cumprir, e quando estava cansado se deitava onde quer que estivesse. A cidade era para ele uma floresta. Ele passava o tempo inteiro ao ar livre, a pele era bronzeada e enrugada, o cabelo e as roupas estavam sujos.

Mesmo que eu quisesse, nunca poderia chegar ao lugar onde ele estava, eu tinha certeza. Eu nunca poderia ser louco, nunca poderia ser mendigo, para mim era inconcebível.

Junto ao mercado uma velha Kombi parou. Um homem rotundo e de roupas leves desceu de um lado, uma mulher rotunda e de roupas leves desceu do outro. Os dois abriram o porta-malas e começaram a descarregar caixas de flores. Joguei meu cigarro no asfalto seco, coloquei a mochila nas costas e descii mais uma vez até a rodoviária, de onde telefonei para o meu pai. Ele ficou azedo e irritado e disse que não era uma boa hora, disse que ele e Unni tinham uma criança pequena em casa e não podiam receber visitas combinadas com tão pouca antecedência. Eu devia ter ligado antes, nesse caso não haveria problema. Naquele momento ele já estava esperando a mãe dele e também um colega. Eu disse que tudo bem, pedi desculpas por não ter ligado antes, e então desligamos.

Passei um tempo pensando com o telefone na mão e por fim liguei para Hilde. Ela disse que eu podia ficar na casa dela e que podia me buscar.

Meia hora mais tarde eu estava ao lado dela no interior do velho

Golf a caminho da cidade, com a janela aberta e o sol batendo no rosto. Ela riu e disse que eu estava fedendo, eu precisava tomar um banho assim que chegássemos. Depois pudemos nos sentar à sombra no quintal da casa, e ela serviu o café da manhã de que eu tanto estava precisando.

Passei três dias na casa de Hilde, o suficiente para que a minha mãe fizesse um depósito na minha conta, e então peguei o trem para Bergen. O trem saiu à tarde, o sol reluzia no panorama ensolarado de Indre Agder, que o recebia de várias maneiras: a água dos lagos e rios cintilava, as densas coníferas reluziam, o chão da floresta se avermelhava e as folhas das árvores decíduas brilhavam nas poucas vezes em que uma brisa as punha em movimento. No meio desse jogo de luzes e cores as sombras tornavam-se aos poucos maiores e mais densas. Eu estava sentado na janela do último vagão olhando para os detalhes que não paravam de sumir, como que jogados para trás em favor do novo, que chegava o tempo inteiro correndo, um rio cheio de troncos e raízes, rochas nuas e árvores arrancadas, córregos e cercas, súbitas encostas cultivadas com fazendas e tratores. A única coisa que não se alterava eram os trilhos ferroviários sobre os quais nos deslocávamos e os dois pontos reluzentes de sol refletido que os acompanhavam ao longo de todo o caminho. Era um fenômeno estranho. Eram como duas bolas de luz e davam a impressão de estar sempre parados, mas o trem avançava a mais de cem quilômetros por hora e as bolas de luz estavam o tempo inteiro à mesma distância.

Muitas vezes durante a viagem voltei a olhar para aquelas bolas de luz. Aquilo me enchia de entusiasmo, quase alegria, era como se houvesse uma esperança naqueles dois pontos.

Passei o restante do tempo sentado enquanto fumava e bebia café, e também lia jornais, mas nenhum livro, porque eu achava que isso podia influenciar minha prosa, que talvez eu perdesse um pouco daquilo que me havia feito entrar na Skrivekunstakademiet. Passado

um tempo peguei as cartas de Ingvild. Eu tinha passado o verão inteiro com elas, já estavam desgastadas nos vincos e eu já sabia todas quase de cor, mas delas vinha uma luz, uma impressão agradável e sensual que eu encontrava toda vez que as relia. Era ela, tanto o que eu lembrava do nosso único encontro como também o que vinha das coisas que ela escrevia, mas também o futuro e o desconhecido que me esperavam. Ingvild era diferente, uma pessoa à parte, e o mais curioso era que eu também me tornava diferente e uma pessoa à parte quando pensava nela. Eu gostava mais de mim quando pensava nela. Era como se pensar em Ingvild apagasse uma parte de mim para me oferecer a chance de um novo começo, ou como se me transportasse a um outro lugar.

Eu sabia que ela era a garota certa para mim, tinha percebido na hora, embora talvez não houvesse pensado, mas apenas pressentido, que aquilo que ela tinha em si e aquilo que era, que se deixava entrever em lampejos nos olhos dela, era uma coisa pela qual eu me sentia atraído e da qual eu queria estar próximo.

O que seria?

Ah, uma percepção de si mesma e da situação que o riso por um instante apagava, mas voltava logo a seguir. Um traço crítico e talvez até cético no jeito dela, que queria ser vencido, mas temia ser enganado. Naquilo tudo havia fragilidade, mas não fraqueza.

Eu tinha gostado muito de conversar com ela, e tinha gostado muito de trocar correspondências com ela. O fato de que eu tinha pensado nela logo ao acordar no dia seguinte ao nosso encontro não queria necessariamente dizer nada, era assim com frequência, mas dessa vez não tinha passado, eu tinha pensado nela todos os dias desde então, e já haviam se passado quatro meses.

Eu não sabia se ela sentia-se da mesma forma. Provavelmente não, mas o tom das cartas me dizia que também havia entusiasmo e atração para ela.

Em Førde, minha mãe havia deixado a casa geminada e se

mudado para um apartamento no porão de uma casa em Angedalen, a dez minutos de onde morava antes. O lugar era bonito, com uma floresta de um lado, um terreno que acabava em um rio do outro, e também era pequeno e tinha um jeito de casa de estudante, um cômodo grande com banheiro e cozinha, nada mais. Ela ficaria morando lá até que encontrasse coisa melhor para alugar ou mesmo comprar. Eu tinha pensado em escrever enquanto ficava com ela nas duas semanas antes de enfim me mudar para Bergen, e ela sugeriu que eu ficasse na cabana de Steinar, o tio dela, a cabana ficava próxima ao velho chalé na floresta um pouco além da fazenda de onde minha mãe vinha. Ela me levou até lá, tomamos um café em frente ao chalé, ela foi embora e eu entrei na cabana. Paredes de pinho, chão de pinho, teto de pinho e móveis de pinho. Um que outro tapete bordado, umas poucas pinturas. Uma pilha de revistas em um cesto, uma lareira, uma pequena cozinha.

Encostei a mesa de jantar na única parede que não tinha janela, larguei minha pilha de papéis de um lado, minha pilha de fitas cassete do outro e me sentei. Mas não consegui escrever. A solidão que eu havia notado pela primeira vez na ilha próxima a Antíparos voltou, eu tornei a senti-la, exatamente como antes. O mundo parecia vazio, ou então nada, uma simples figura, e eu me sentia vazio.

Me deitei na cama e dormi por duas horas. Quando acordei já havia escurecido. A luz azulada do crepúsculo estendia-se como um véu sobre a floresta. A ideia de escrever continuava a me desagradar, então calcei os sapatos e saí.

Eu ouvia o murmúrio da cachoeira na floresta, no mais tudo estava em absoluto silêncio. Não, havia sinetas soando por perto.

Desci até o caminho junto ao córrego e o segui rumo à floresta.

Os espruces eram grandes e escuros, a montanha mais abaixo era recoberta de musgo, e aqui e acolá viam-se raízes nuas. Em certos lugares, pequenas árvores decíduas estendiam-se em direção à luz, em outros lugares pequenas clareiras haviam surgido próximas a árvores caídas. E ao longo do córrego tudo era aberto, claro, a

água rodopiava e se batia, jogava-se leito abaixo e caía por cima de pedras e montanhas. Todo o restante da paisagem tinha o aspecto denso e verde-escuro das coníferas. Eu ouvia a minha própria respiração, sentia meu coração bater no peito, na garganta, nas têmporas enquanto eu seguia. O murmúrio da cachoeira ganhou força, e logo eu estava na rocha acima da grande piscina natural, olhando para a encosta íngreme e nua por onde a água corria.

Era bonito, mas aquilo não me servia para nada, e assim continuei a andar pela floresta ao lado da cachoeira, subindo pela montanha nua, que eu pretendia escalar até o topo umas poucas centenas de metros acima.

O céu estava cinza, a água que corria ao meu lado era clara e reluzente como vidro. O musgo por onde eu andava estava encharcado e cedia sob os meus passos; meus pés deslizavam e a rocha escura por baixo se revelava.

De repente uma coisa pulou nos meus pés.

Fiquei paralisado de medo. Foi como se o meu coração também parasse. Uma criaturinha cinza correu para longe. Era um ratinho ou um camundongo qualquer.

Tive que rir de mim mesmo. Continuei a subir, mas aquele pequeno medo havia tomado conta de mim, comecei a ver a floresta escura com desconfiança, e o barulho regular da cachoeira que até então havia me causado uma impressão boa transformou-se em um som ameaçador, que me impedia de ouvir qualquer coisa além da minha própria respiração, então poucos minutos depois dei meia-volta e comecei a descer.

Me sentei junto ao braseiro de tijolos desativado no pátio do chalé e acendi um cigarro. Deviam ser onze ou onze e meia. O chalé parecia ter o mesmo aspecto que devia ter quando minha avó materna havia trabalhado lá nas décadas de 1920 e 30. Tudo ainda tinha o jeito daquela época. Mesmo assim, era tudo diferente. Era agosto de 1988, eu era uma pessoa dos anos 1980, um contemporâneo de Duran Duran e The Cure, não daquelas músicas com violino e acordeão que naquela época o meu avô ouvia com um

amigo enquanto na escuridão do entardecer ele se arrastava montanha acima para cortejar a minha avó e as irmãs dela. Eu não pertencia àquele lugar, o meu corpo inteiro sentia. Não adiantava nada saber que a floresta na verdade era uma floresta dos anos 1980 e as montanhas na verdade eram montanhas dos anos 1980.

Mas nesse caso o que eu estava fazendo lá?

Eu queria escrever. Mas não havia como, eu estava completamente sozinho e solitário no fundo da minha alma.

Quando a semana acabou e a minha mãe apareceu de carro na estradinha de cascalho, eu estava sentado nos degraus da entrada com a mochila feita entre as pernas, sem ter escrito uma única palavra.

— E então, você aproveitou? — ela perguntou.

— Aproveitei — eu disse. — Mas não consegui fazer muita coisa.

— Sei — ela disse. — Mas talvez você estivesse precisando descansar um pouco.

— Com certeza — eu disse, afivelando o cinto de segurança, e então voltamos a Førde, onde paramos e almoçamos no hotel Sunnfjord. Pegamos uma mesa perto da janela, minha mãe pendurou a bolsa na cadeira antes que fôssemos nos servir no bufê que ficava no meio do restaurante. O lugar estava quase vazio. Quando nos sentamos com nossos pratos o garçom se aproximou, eu pedi uma coca-cola, minha mãe uma água mineral, e quando o garçom se afastou ela começou a falar sobre os planos que tinha de oferecer um curso de enfermagem psiquiátrica na escola, que parecia estar a ponto de sair do plano das ideias. Ela mesma tinha encontrado o lugar, descrito como uma escola antiga e maravilhosa que não ficava muito longe da própria escola de enfermagem. O lugar tinha alma, ela disse para mim, era uma antiga construção de madeira com peças espaçosas, pé-direito alto, totalmente diferente do bunker de concreto onde ela dava aulas.

— Que legal — eu disse, olhando para o estacionamento, onde

os poucos carros reluziam ao sol. A encosta no outro lado do rio era toda verde, a não ser por um terreno escavado na rocha para dar lugar a casas, que por assim dizer vibrava com outras cores.

O garçom voltou, eu bebi o meu copo de coca-cola em um longo gole. Minha mãe começou a falar sobre o meu relacionamento com Gunnar. Disse que eu dava a impressão de tê-lo internalizado, de tê-lo transformado no meu supereu, na instância que dizia o que eu podia e o que eu não podia fazer, que dizia o que era certo e o que era errado.

Larguei os talheres em cima da mesa e olhei para ela.

— Você andou lendo o meu diário? — perguntei.

— Não, o seu diário não — ela disse. — Mas você deixou em casa um caderno com umas anotações que você fez durante a sua viagem de férias. Você é sempre muito aberto e fala sobre tudo comigo.

— Mas mãe, aquele é o meu diário — eu disse. — Ninguém deve ler os diários das outras pessoas.

— Não, claro que não — ela disse. — Eu sei. Mas como você deixou o caderno em cima da mesa da sala, não achei que fosse um grande segredo.

— Mas você percebeu que era um diário, não?

— Não — ela disse. — Para mim era um caderno de viagem.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse. — O erro foi meu. Eu não devia ter deixado o diário em cima da mesa. Mas o que você pensou a respeito do Gunnar, para achar que eu o internalizei, como você disse? O que você quis dizer com isso?

— Foi a impressão que tive daquele sonho que você descreve, e sobre o qual você fica pensando depois.

— E?

— O seu pai foi sempre muito rigoroso com você. Mas de repente ele sumiu, e você talvez tenha ficado com a impressão de que pode fazer tudo que quiser. Então você tem dois conjuntos de regras, mas os dois vêm de fora. E o importante é ter limites próprios. Que venham de dentro, de você mesmo. O seu pai não tinha esses

limites, e talvez por isso fosse uma pessoa tão perdida.

— Seja — eu disse. — Pelo que sei, ele ainda está vivo. Pelo menos eu falei com ele por telefone umas duas semanas atrás.

— Mas o que parece é que agora você colocou o Gunnar no lugar do seu pai — ela prosseguiu, lançando um olhar fugaz na minha direção. — Mas essa conversa não tem nada a ver com o Gunnar, apenas com os seus próprios limites. Mas agora você já é um adulto e precisa descobrir essas coisas por conta própria.

— É o que tento fazer quando escrevo no diário — eu disse. — O problema é que todo mundo acaba lendo, e assim fica impossível descobrir qualquer coisa por conta própria.

— Me desculpe — disse a minha mãe. — Mas eu não achava mesmo que você considerava aquele caderno de viagem um diário. Se eu soubesse, claro que não teria lido.

— Eu já disse que tudo bem — eu disse. — Vamos pedir uma sobremesa?

Ficamos acordados no apartamento dela conversando até tarde da noite, e no fim eu saí para o corredor, fechei a porta atrás de mim, peguei o colchão inflável, que estava apoiado na parede do pequeno banheiro, coloquei-o no chão, peguei a capa, tirei a roupa, apaguei a luz e me deitei para dormir. Eu ouvia a respiração da minha mãe do outro lado da parede, e de vez em quando um carro que passava na estrada. O cheiro de plástico do colchão inflável me fez pensar na minha infância, em acampamentos, cenários ao ar livre. Os tempos haviam mudado, mas a sensação de expectativa era a mesma. No dia seguinte eu viajaria para Bergen, a grande cidade estudantil, para morar no meu próprio apartamento e fazer um curso na Skrivekunstakademiet. À tarde e à noite eu poderia ficar no Café Opera ou assistir a shows de excelentes bandas no Hulen. Era incrível. Mas o mais incrível de tudo era que Ingvild estava prestes a se mudar para a mesma cidade que eu. Tínhamos combinado de nos encontrar, eu havia pegado o telefone dela e pretendia ligar



depois que chegasse.

Era bom demais para ser verdade, pensei deitado no colchão inflável, tomado pela inquietude e pela alegria daquele novo começo. Eu me virava ora para um lado, ora para o outro, enquanto na sala ouvia minha mãe falar enquanto dormia. É, ela disse. Depois veio uma longa pausa. É, ela repetiu. É verdade. Longa pausa. É. É. Aham. Sim.

No dia seguinte minha mãe me levou à Handelshuset, ela queria comprar uma jaqueta e uma calça para mim. Encontrei uma jaqueta jeans com lapela de couro, até que não era das piores, e uma calça verde, em estilo militar, além de um par de calçados pretos. Depois ela foi comigo até o ponto de ônibus, me deu dinheiro para a passagem, ficou parada em frente ao carro e acenou quando o ônibus saiu da rodoviária e pegou a estrada.

Depois de um tempo em meio a florestas, lagos, montanhas vertiginosas e fiordes estreitos, fazendas e terrenos, um ferry e um longo vale onde o ônibus num instante estava no alto de uma encosta e no instante seguinte à beira d'água, e depois de uma interminável sequência de túneis, a densidade de casas e placas começou a aumentar, os distritos foram se tornando cada vez mais numerosos, surgiram indústrias, cercas, postos de gasolina, centros comerciais e loteamentos em ambos os lados da estrada. Vi uma placa que indicava o acesso à Handelshøyskolen e pensei, foi aqui que Agnar Mykle estudou quarenta anos atrás, eu vi o hospital psiquiátrico de Sandviken incrustado junto ao pé da encosta como uma fortaleza, e do outro lado as águas que reluziam sob o sol da tarde, com velas e barcos pouco nítidos em meio à neblina, tendo ao fundo ilhas e montanhas e o céu baixo de Bergen.

Desci do ônibus nos arredores de Bryggen, Yngve estava trabalhando no turno da tarde no hotel Orion e eu pegaria a chave do apartamento dele lá. A cidade ao meu redor estava prostrada na indolência que somente as tardes no fim do verão proporcionam. Um

que outro vulto passava de calção e camiseta, deixando uma sombra longa e tremulante para trás. Casas que refletiam a luz do sol, árvores decíduas em constante movimento, um barco a vela que se afastava do porto com os mastros nus.

A recepção do hotel estava cheia de gente, Yngve estava ocupado atrás do balcão, ele me olhou e disse que um ônibus cheio de americanos tinha acabado de chegar, tome, aqui está a chave, nos vemos depois, está bem?

Peguei o ônibus para Danmarksplass e subi os trezentos metros até o apartamento dele, abri a porta, larguei a mochila no corredor e passei um tempo imóvel pensando no que fazer a seguir. As janelas davam para o norte e o sol estava no ocidente, afundando no mar, então os cômodos estavam escuros e frios. O lugar tinha o cheiro de Yngve. Fui até a sala e olhei ao redor, depois olhei para dentro do quarto. Havia um pôster novo por lá, era uma fotografia meio fantasmagórica de uma mulher nua, embaixo estava escrito “Munch e a fotografia”. Também havia fotografias tiradas por Yngve, uma série do Tibete, a terra no chão era de um vermelho luminoso, uma turma de meninas e meninos esfarrapados tinha posado para ele com olhares obscuros e distantes. Num dos cantos, ao lado da porta de correr, a guitarra estava apoiada ao lado do amplificador. Em cima, um enorme pedal. Uma capa branca e simples da IKEA e duas almofadas transformavam a cama em sofá.

Eu tinha feito muitas visitas a Yngve durante a minha época de colegial, e para mim havia um elemento quase sagrado nos quartos dele, porque aqueles quartos representavam aquilo que ele era e aquilo que eu queria me tornar. Era uma coisa que existia fora da minha presença, e para onde um dia eu ia me mudar.

Mas naquele instante eu estava lá, pensei, e então fui à cozinha e preparei uns sanduíches abertos, que comi de pé em frente à janela, com vista para as fileiras com os velhos alojamentos de trabalhadores divididas em terraços que desciam rumo à Fjøsangerveien. Do outro lado o mastro de Ulriken reluzia ao sol.

Me ocorreu que eu tinha estado bastante sozinho nos últimos

tempos. Afora os poucos dias com Hilde e depois com a minha mãe, eu não tinha estado com mais ninguém desde que havia me despedido de Lars em Atenas. Eu mal podia esperar que Yngve chegasse em casa.

Coloquei um disco do Stranglers para tocar e me sentei no sofá com os álbuns de fotografia de Yngve. Senti um nó na barriga, sem saber ao certo por quê. Parecia fome, não uma fome de comida, mas uma fome de todo o resto.

Será que Ingvild já tinha chegado à cidade? Será que estava sentada em um dos milhares e milhares de apartamentos ao meu redor?

Uma das primeiras coisas que Yngve me perguntou ao chegar foi como iam as coisas com Ingvild. Havia muita coisa que eu não tinha contado para ele, eu tinha dito apenas umas poucas palavras na escada no início daquele verão, nada mais, porém tinha sido o bastante para ele entender que era sério. E talvez que era uma coisa grandiosa também.

Eu disse que ela devia chegar à cidade por volta daquele mesmo período, que moraria em Fantoft e que eu tinha combinado de telefonar para marcar o nosso primeiro encontro.

— Talvez esse seja o seu ano — ele disse. — Namorada nova, o curso na Skrivekunstakademiet...

— Não somos namorados.

— Eu sei, mas pelo que você está me contando, ela está interessada, não?

— Pode ser. Mas duvido que seja tão intenso para ela como é para mim.

— Mesmo assim pode acontecer. É só você jogar as cartas certas.

— Nem que seja uma vez na vida?

— É você quem está dizendo — ele respondeu, olhando para mim. — Quer um pouco de vinho?

— Quero, obrigado.

Yngve se levantou e desapareceu na cozinha, depois reapareceu com um decantador na mão e foi ao banheiro. Ouvi barulhos de respiração e de gorgolejos, depois um discreto chapinhar, e então ele tornou a aparecer com o decantador cheio na mão.

— Safra de 1988 — ele disse. — Mas é bem gostoso. E além do mais eu tenho bastante.

Bebi um gole. O vinho era tão azedo que cheguei a sentir um arrepio.

Yngve sorriu.

— Bem gostoso? — eu perguntei.

— Gosto é uma coisa relativa — ele disse. — Você precisa comparar com outros vinhos caseiros.

Passamos um tempo bebendo sem dizer nada. Yngve se levantou e foi em direção à guitarra e ao amplificador.

— Andei compondo umas músicas nestes últimos tempos — ele disse. — Você quer ouvir?

— Claro — eu disse.

— Ou melhor, não são bem umas músicas — ele disse, ajustando a correia no ombro. — Na verdade, são apenas uns riffs.

Senti uma ternura repentina por Yngve ao vê-lo de pé.

Ele ligou o amplificador, virou de costas para mim e afinou a guitarra, ligou o pedal e começou a tocar.

A ternura desapareceu, porque aquilo era bom, o timbre da guitarra era grande e majestoso, os riffs eram melodiosos e cativantes, com uma sonoridade que parecia uma mistura de The Smiths e The Chameleons. Eu não entendia de onde aquilo podia vir. Aquela musicalidade e aquele talento estavam muito longe de mim. Ele simplesmente sabia o que fazer depois que começava, como sempre havia sido.

Só depois de terminar e de largar a guitarra ele se virou mais uma vez para mim.

— Muito bom — eu disse.

— Você acha? — ele perguntou, sentando-se mais uma vez no

sofá. — Foram só umas ideias que tive. Eu queria ter umas letras para deixar tudo pronto.

— Eu não consigo entender, por que você não toca numa banda?

— Não tem como — ele disse. — De vez em quando eu toco com o Pål. Fora ele eu não conheço mais ninguém que toque. Mas agora você está aqui.

— Eu não sei tocar nada.

— Mas você pode escrever umas letras, não? E além do mais você sabe tocar bateria.

— Não — eu disse. — Eu sou ruim demais. Mas talvez eu possa escrever alguma coisa. Seria legal.

— Então escreva — ele disse.

O outono está chegando, pensei enquanto estávamos ao lado da estrada na longa e baixa casa geminada, esperando um táxi. Havia uma certa profundidade naquela noite clara de verão, não havia como localizá-la, mas assim mesmo era inconfundível. Uma promessa de umidade, escuridão e anseio.

O táxi chegou poucos minutos depois, nos sentamos, avançamos depressa e perigosamente até Danmarksplass, passamos em frente ao grande cinema e atravessamos uma ponte, seguimos ao longo do Nygårdsparken e entramos no centro, onde perdi meu senso de orientação, as ruas eram apenas ruas, as casas apenas casas, eu desapareci na cidade grande, fui tragado, e eu gostava daquilo, porque ao mesmo tempo eu surgia para mim mesmo, um jovem rumo à cidade grande, cheia de vidro e concreto e asfalto, pessoas desconhecidas sob a luz dos postes de iluminação pública e janelas e placas. Senti um arrepio nas costas quando chegamos mais perto. O motor roncou, o semáforo trocou de verde para vermelho, paramos em frente a uma coisa que devia ser o terminal rodoviário.

— Não foi ali que a gente foi daquela vez? — perguntei, fazendo um gesto de cabeça em direção ao outro lado da estrada.

— Foi — disse Yngve.

Eu tinha dezesseis anos e tinha ido visitar o meu irmão pela primeira vez; para conseguir entrar, fiquei de mãos dadas com uma das garotas que estavam com a gente. Eu tinha usado o desodorante de Yngve, e antes que saíssemos de casa ele parou na minha frente, dobrou as mangas da minha camisa, me deu o pote de gel, ficou me olhando enquanto eu passava aquilo nos cabelos e disse muito bem, agora podemos sair.

Mas naquele momento eu tinha dezenove anos e tudo me pertencia.

Tive um relance de água no meio da cidade e depois entramos à esquerda, deixando para trás um grande prédio de concreto.

— Esse é o Grieghallen — disse Yngve.

— Então é aqui que ele fica — eu disse.

— E aquele lugar ali é a Mekka — ele disse pouco depois, apontando uma loja. — A loja mais barata da cidade.

— É ali que você faz compras?

— Quando me sobra um dinheiro — ele disse. — Mas, enfim, essa aqui é a Nygårdsgaten. Você se lembra daquela letra do The Aller Verste? “Vi løp ned Nygårdsgata som om vi var i ville vesten.”

— Lembro — eu disse. Mas e o “Disken”? A letra continua, “Jeg kom meg inn på Disken, hvor det var en jævla trengsel”.

— O Disken é a discoteca do Hotell Norge. Fica logo atrás. Mas agora o lugar tem outro nome.

O táxi se aproximou do meio-fio e parou.

— Chegamos — disse o taxista. Yngve lhe deu uma nota de cem, eu desci e olhei para a placa na frente do prédio. O nome Café Opera se delineava em rosa e preto contra um fundo branco. Do outro lado das enormes vidraças o lugar parecia estar lotado de pessoas que mais pareciam sombras em meio aos pontos pequenos e luminosos das velas. Yngve desceu pelo outro lado, se despediu do motorista e bateu a porta. Vamos, ele disse.

Yngve parou logo ao entrar e correu os olhos pelo lugar. Depois olhou para mim.

— Não vi nenhum conhecido. Vamos subir.

Segui-o pelos degraus, deixamos para trás umas mesas e seguimos em direção ao bar, que ficava no local exato do bar no andar de baixo. Eu já tinha estado lá, mas por pouco tempo, e durante o dia: o que eu vi naquela hora foi muito diferente. Em todas as mesas as pessoas bebiam cerveja. Pensei que o lugar parecia quase um apartamento cheio de mesas e cadeiras com um bar enfiado num canto.

— Lá está o Ola! — disse Yngve. Olhei para o lugar que ele havia indicado. Ola, que eu já tinha encontrado em outra ocasião naquele mesmo verão, estava sentado em uma mesa com três outras pessoas. Ele sorriu e abanou. Nos aproximamos.

— Arranje uma cadeira, Karl Ove, e vamos nos sentar aqui — disse Yngve.

Havia uma cadeira ao lado do piano que ficava na parede oposta, eu fui até lá e a peguei, porém me senti praticamente nu ao erguê-la, será que eu estava fazendo aquilo do jeito certo? Será que eu podia simplesmente levar uma cadeira de um lado para o outro? Umas pessoas olharam para mim, eram estudantes, frequentadores assíduos do lugar, e eu corei, mas não vi outra saída e fui obrigado a levar a cadeira até a mesa onde Yngve já estava sentado.

— Esse é o Karl Ove, meu irmão mais novo — disse Yngve. — Ele está aqui para fazer um curso na Skrivekunstakademiet.

Yngve sorriu ao dar a notícia. Mal encontrei os olhos dos outros três que eu não conhecia, duas garotas e um garoto.

— Então você é o famoso irmão mais novo do Yngve! — disse uma das garotas. Ela tinha cabelos loiros e olhos estreitos que quase desapareciam quando ela sorria.

— Kjersti — ela se apresentou.

— Karl Ove — eu disse.

A outra garota tinha cabelos pretos cortados no estilo pajem, usava batom vermelho-sangue e um vestido preto, ela disse o nome e o garoto que estava ao lado dela, uma figura tímida de cabelos loiro-avermelhados e tez pálida, fez o mesmo enquanto abria um sorriso largo. Esqueci os nomes deles no instante seguinte.

— Você quer uma cerveja? — Yngve me perguntou.  
Será que ele pretendia me abandonar naquela mesa?  
— Quero, sim — eu disse.

Yngve se levantou. Olhei para o tampo da mesa. De repente me ocorreu que eu podia fumar, então peguei o pacote de tabaco e comecei a enrolar um cigarro.

— V-você esteve no f-festival de R-Roskilde? — Ola me perguntou.

Ele era a primeira pessoa gaga que eu tinha conhecido desde a escola primária. Ninguém jamais poderia imaginar ao vê-lo. Ola usava óculos pretos à la Buddy Holly, tinha cabelos pretos, feições suaves e, mesmo que não se vestisse de maneira chamativa, tinha me dado a impressão de fazer parte de uma banda na primeira vez em que o vi. E naquela segunda vez a impressão foi a mesma. Ele usava uma camisa branca, jeans preto e um par de sapatos pretos meio pontudos.

— Estive — eu disse. — Mas não consegui ver muitas bandas.

— P-por que não?

— Aconteceram muitas outras coisas por lá.

— É, eu p-posso imaginar — ele disse, sorrindo.

Não seria necessário passar muito tempo ao lado de Ola para notar que ele tinha um coração de ouro. Me senti feliz ao saber que ele era amigo de Yngve, e quanto à gagueira, que na primeira vez tinha me perturbado um pouco — caramba, o Yngve tinha amigos gagos? —, aquilo não me pareceu mais tão importante quando vi que ele tinha pelo menos outros três amigos. Ninguém esboçava qualquer tipo de reação àquela gagueira, fosse por meio de superioridade ou de permissividade, e o que eu sentia ao ouvi-lo falar — um sentimento de que a própria situação, agora ele vai falar e eu não posso prestar atenção nisso, se revelava de maneira tão clara e desconfortável, pois será que ele não percebia o que eu pensava enquanto o ouvia falar? — não se deixava ler nos rostos dos outros.

Yngve largou a cerveja na minha frente e sentou-se.



— O que você escreve? — perguntou a garota de cabelos escuros, olhando para mim. — Poesia ou prosa?

Os olhos dela também eram escuros. Havia uma superioridade calculada naquela maneira de se portar.

Tomei um longo gole de cerveja.

— Estou trabalhando em um romance agora mesmo — eu disse. — Mas com certeza também vamos discutir poesia. Não escrevi muita coisa nesse campo, mas quem sabe... he he!

— Não era você que tinha um programa de rádio e tudo mais? — Kjersti perguntou.

— E uma coluna de resenha de discos no jornal local! — Yngve completou.

— Eu mesmo — respondi. — Mas já faz um tempo.

— O seu romance é sobre o quê? — perguntou a garota de cabelos escuros.

Dei de ombros.

— Tem de tudo um pouco. Mas gosto de pensar que é uma mistura de Hamsun e Bukowski. Você já leu Bukowski?

A garota fez um gesto afirmativo e virou a cabeça devagar para ver quem estava subindo a escada.

Kjersti riu.

— E pelo que o Yngve falou o professor de vocês vai ser o Hovland? Esse cara é incrível!

— É verdade — eu disse.

Fez-se uma breve pausa, minha atenção desapareceu e eu me reclinei na cadeira enquanto os outros conversavam. Já se conheciam da faculdade de comunicação, e era sobre isso que falavam. Nomes de palestrantes e teóricos, títulos de livros, discos e filmes passaram um tempo pairando no ar ao redor da mesa. Enquanto estavam todos conversando, Yngve pegou uma piteira, enfiou nela um cigarro e começou a fumar com movimentos que a presença da piteira fazia parecer ensaiados. Tentei não olhar para ele, fazer de conta que nada estava acontecendo, porque era assim que os outros agiam.

— Mais uma cerveja? — perguntei, e então Yngve fez um gesto afirmativo com a cabeça e eu fui até o bar. Um dos atendentes estava na torneira do lado oposto, enquanto o outro passava uma bandeja cheia de copos através de uma portinhola que segundo entendi comportava um pequeno elevador.

Que incrível, um elevador em miniatura para levar as coisas de um andar para o outro!

O atendente junto à torneira se virou devagar, levantei dois dedos, mas ele não disse nada, simplesmente tornou a se virar. No mesmo instante o outro atendente olhou para mim, eu me inclinei de leve por cima do balcão para sinalizar o meu pedido.

— Para você? — perguntou.

Ele tinha um pano de prato branco jogado no ombro e um avental preto por cima de uma camisa branca, suíças compridas e uma coisa na parte mais alta do pescoço que parecia ser uma tatuagem. Até os atendentes de bar eram estilosos naquela cidade.

— Duas cervejas — eu disse.

Ele segurou os dois canecos na mesma mão sob duas torneiras enquanto corria os olhos pelo lugar.

Um rosto familiar apareceu mais ao fundo, era Arvid, o amigo de Yngve, que chegava com mais duas pessoas, todos foram direto até a mesa onde Yngve estava sentado.

O primeiro atendente largou dois canecos de meio litro em cima do balcão.

— Setenta e quatro coroas — ele disse.

— Mas eu fiz o pedido para ele! — eu disse, apontando o outro atendente com a cabeça.

— Você acabou de me pedir duas cervejas. Se você pediu duas para ele também, vai ter que pagar pelas quatro.

— Mas eu não tenho dinheiro.

— Você quer que eu jogue a cerveja fora, então? Quem tem que prestar atenção em quanto dinheiro está gastando é você. São cento e quarenta e oito coroas.

— Espere um pouco — eu disse, e então fui até onde Yngve

estava.

— Você tem dinheiro? — eu perguntei. — Devolvo quando eu receber o crédito estudantil.

— Você não ia pagar para mim?

— Ia...

— Tome — ele disse, estendendo uma nota de cem coroas.

Arvid olhou para mim.

— Aí está o cara! — ele disse.

— É — eu disse, sem saber direito o que fazer, então no fim apontei para o bar e disse, *eu só vou...* e então fui pagar.

Quando voltei, Arvid estava sentado em outra mesa.

— Você comprou *quatro* cervejas? — perguntou Yngve. — Para quê?

— No fim acabei comprando — eu disse. — Deu um problema com o pedido.

Na manhã seguinte choveu, e passei o dia inteiro no apartamento enquanto Yngve trabalhava. Talvez fosse efeito do encontro com os amigos universitários do meu irmão, talvez fosse a proximidade do ano escolar, mas de um jeito ou de outro eu senti um pânico repentino, eu não sabia nada, e logo estaria ao lado de outros alunos, provavelmente bem mais experientes e dedicados, escrevendo textos, lendo-os e sendo julgado.

Peguei um guarda-chuva que estava no chapeleiro, abri-o e desci os morros caminhando depressa em meio à chuva. Eu me lembrava de ter visto uma livraria em Danmarksplass. Claro. Abri a porta e entrei, o lugar estava totalmente vazio, pelo que entendi eles vendiam principalmente artigos de escritório, mas havia também umas estantes com livros, e assim, com o guarda-chuva pingando na mão, deixei meus olhos correrem pelos títulos. Eu praticamente não tinha dinheiro nenhum, então resolvi comprar um livro de bolso. *Fome*, de Knut Hamsun. O livro custava 39,50 e assim me sobravam doze coroas, que usei para comprar um bom pão na padaria que

ficava no pequeno mercado um pouco mais atrás. Subi os morros em meio à chuva fina, que junto com as nuvens pesadas e escuras transformava a paisagem por completo, fechando-a em si mesma. A água se derramava pelas janelas e pelos chassis dos carros, escorria pelas calhas e ao longo dos morros, onde criava pequenas ondas em forma de arado. A água passava por mim enquanto eu arrastava os pés morro acima, enquanto a chuva tamborilava contra o guarda-chuva e o saco com o pão e o livro batiam na minha coxa a cada passo que eu dava.

Entrei no apartamento. A luz lá dentro era difusa, os cantos mais afastados da janela estavam na penumbra e todos os móveis e objetos davam a impressão de estar investidos de uma aura. Era impossível estar naquele lugar sem pressentir Yngve, a atmosfera dele parecia repousar em todos os cômodos, e quando cortei as fatias do pão recém-assado na bancada da cozinha, peguei a margarina e o queijo marrom, me perguntei que tipo de atmosfera o meu quarto devia irradiar, e se alguém se importaria com isso. Yngve tinha arranjado um estúdio para mim, ele conhecia uma garota que estava indo para a América Latina naquele ano, ela morava no lado de Sandviken, na Absalon Beyers Gate, e eu poderia ficar no estúdio dela até o verão seguinte. Fiquei contente, porque a maioria dos alunos morava em uma república logo ao chegar, ou em Fanfoft, onde o meu pai tinha morado durante os estudos enquanto eu ainda era pequeno, ou em Alrek, onde Yngve tinha morado durante o primeiro semestre em Bergen. Eu sabia que morar nesses lugares não tinha nenhum status, o bacana era morar no centro, de preferência nas proximidades do Torgalmenningen, mas Sandviken também era bom.

Comi, limpei a mesa e me sentei para ler na sala com um cigarro e uma caneca de café. Em geral eu lia depressa, virava as páginas correndo sem me apegar à maneira como o livro era escrito, aos recursos literários ou à linguagem do autor, a única coisa que me interessava eram os acontecimentos, que me tragavam para dentro da história. Mas desta vez tentei ler devagar, frase por frase,

prestando atenção ao que acontecia em cada uma, e quando um trecho me parecia importante eu o sublinhava com a caneta que eu tinha na mão.

Já na primeira página fiz uma descoberta. Havia uma alternância de tempo verbal. O livro começava escrito no pretérito, mudava para o presente e depois voltava a empregar o passado. Sublinhei essa parte, larguei o livro e peguei uma folha na escrivaninha do quarto. De volta ao sofá, escrevi,

*Hamsun, Fome. Anotações de 14/8/1988.*

*O livro começa de maneira genérica, na cidade. Perspectiva distante. De repente o protagonista desperta. Mudança do pretérito para o presente. Por quê? Talvez para tornar a história mais intensa.*

Na rua, a chuva continuava a cair. O rumor do tráfego na Fjøsangerveien parecia o murmúrio do mar. Continuei a ler. Fiquei impressionado com a simplicidade da história. O protagonista acorda no quarto, desce a escada em silêncio, já que não paga o aluguel há um tempo, e depois sai para dar uma volta na cidade. Nada de especial acontece, o personagem simplesmente fica andando de um lado para o outro com fome, pensando a respeito do assunto. Eu podia escrever sobre o mesmo tema. Um sujeito que acorda no estúdio e sai para dar uma volta. Mas o personagem tinha que ter uma coisa a mais, uma coisa especial, como por exemplo fome. Era um detalhe importante. Mas o que poderia ser?

Escrever não era nenhum mistério. Bastava inventar uma história qualquer, como Hamsun havia feito.

Parte da minha preocupação e da minha inquietude sumiram com esse pensamento.

Quando Yngve chegou em casa eu estava dormindo no sofá. Me levantei assim que ouvi passos na porta, passei as mãos no cabelo e no rosto, por um motivo ou outro eu não queria dar a impressão de ter dormido em pleno dia.

Yngve largou a mochila no corredor, pendurou a jaqueta no cabide, me saudou com um breve cumprimento a caminho da

cozinha.

Eu conhecia muito bem aquela cara fechada. Ele não estava a fim de falar com ninguém, muito menos comigo.

— Karl Ove? — ele me chamou depois de um tempo.

— Sim? — eu disse.

— Venha cá.

Me levantei e fui até a porta da cozinha.

— Como foi que você fatiou esse queijo marrom? Você não pode cortar fatias tão grossas. Quer que eu mostre para você como se faz?

Yngve aplicou a plaina de queijo contra o queijo marrom e cortou uma fatia.

— Assim — ele disse. — Viu como é fácil cortar fino?

— Vi — eu disse, me virando para ir embora.

— Tem mais uma coisa — ele disse.

Me virei de volta.

— Quando terminar de comer, você tem que juntar os farelos. Não quero saber de limpar por você.

— Tudo bem — eu disse, e então entrei no banheiro. Eu tinha lágrimas nos olhos, e enxuguei o rosto com água fria, me sequei, retornei à sala, me sentei e voltei a ler *Fome* enquanto eu o ouvi comer, arrumar a cozinha e depois entrar no quarto. Passado um tempo, tudo ficou em silêncio, e compreendi que Yngve estava dormindo.

No dia seguinte houve mais um episódio parecido, eu não tinha passado o rodo no chão depois do banho, o que o deixou irritado. Yngve também me deu ordens, como se estivesse acima de mim. Eu não disse nada, simplesmente baixei a cabeça e fiz como ele mandou, mas por dentro eu estava revoltado. Mais tarde no mesmo dia, quando voltamos das compras, eu fechei a porta do carro de um jeito que pareceu muito forte para ele, puta merda, será que você precisa bater a porta com tanta força, não dá para tomar um pouco de cuidado, esse carro não é meu, e por fim eu explodi.

— Já chega de me dizer o que fazer, está bem? — gritei. — Eu

não aguento mais! Você me trata como se eu fosse um fedelho! Não para de me criticar!

Ele me olhou por um breve instante e ficou parado com a chave do carro na mão.

— Você entendeu o que eu disse? — perguntei com os olhos úmidos.

— Prometo que eu nunca mais vou fazer isso — disse Yngve. E realmente nunca mais fez.

Saímos outras vezes durante aquela semana, e toda vez era a mesma coisa, Yngve encontrava conhecidos e me apresentava para eles dizendo que eu era o irmão mais novo que estava em Bergen para fazer um curso na Skrivekunstakademiet. Essa apresentação me dava uma vantagem, eu já parecia ser alguém, não precisava demonstrar nada, mas por outro lado tudo se tornava mais difícil, porque eu precisava corresponder à expectativa criada. Precisava dizer coisas que um aspirante a escritor diria, coisas que as outras pessoas nunca tivessem pensado antes. Mas não era o que acontecia. As pessoas já tinham pensado em tudo, todos sabiam mais do que eu, e em um grau tão elevado que aos poucos compreendi que as coisas que eu dizia e pensava eram coisas que os outros já tinham dito e pensado, e por fim deixado para trás.

Mas era bom beber na companhia de Yngve. Nosso entusiasmo aumentava depois de uns canecos, tudo que nos separava ao longo do dia, o silêncio que de repente ganhava espaço, a irritação que tomava conta, a ausência de um ponto de contato entre nós dois, mesmo que houvesse muitos, tudo desaparecia com o nosso entusiasmo e a proximidade que o acompanhava: olhávamos um para o outro e sabíamos quem a gente era. Andávamos meio bêbados pela cidade, subíamos os morros em direção ao apartamento, nada era perigoso, nem mesmo o silêncio, ao nosso redor os postes de iluminação pública se refletiam no asfalto úmido, táxis passavam em meio à escuridão, homens ou mulheres sozinhos

*image  
not  
available*



não vou conseguir dizer uma palavra. E aí ela vai achar que sou assim, e não vai dar certo.

— Nada disso — Yngve respondeu. — Vai dar tudo certo. Ela sabe quem você é. Vocês passaram toda a primavera e todo o verão trocando correspondências.

— Mas nas correspondências eu estou *escrevendo* — eu disse. — Nesse caso posso ser quem eu quiser. Posso demorar, sabe? Deixar tudo como eu gostaria. Mas quando a gente se encontrar pessoalmente não vai ser assim.

Yngve suspirou.

— É só você não pensar demais no assunto que tudo vai dar certo. Para ela vai ser a mesma coisa.

— Você acha mesmo?

— Claro que acho! Tomem umas cervejas e relaxem. Vai dar tudo certo.

Ele tirou a chave do bolso, baixou o guarda-chuva, cruzou o portão e logo começou a subir pela escadinha tornada escura e escorregadia pela chuva.

Fiquei para trás, esperando que ele destrancasse a porta.

— Você não quer tomar um copo de vinho antes de se deitar? — ele me perguntou. Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

Durante toda aquela semana a minha impaciência aumentou, eu me sentia cada vez mais irrequieto, aquele era um sentimento que eu não tinha em nenhuma outra ocasião. Eu queria que o curso começasse de uma vez, que a coisa ficasse séria. E eu queria andar com as minhas próprias pernas, não depender mais de Yngve para tudo. Eu já tinha pedido duzentas coroas emprestadas para ele, e precisaria de mais umas duzentas enquanto não recebesse o crédito estudantil. Eu tinha sido burro a ponto de avisar o correio de Håfjord sobre a mudança de endereço quando fui embora, A/C Yngve, então quando cheguei havia cobranças da companhia de energia elétrica e da loja onde eu tinha comprado o aparelho de som me esperando.

*image  
not  
available*

minha coleção de discos, eu me virei e dei de cara com uma mulher de uns quarenta anos, que desviou o olhar no mesmo instante, mas assim mesmo se fez notar. Pendurei o pôster de John Lennon, me virei e dei de cara com dois garotos de cerca de doze anos; montei a cafeteira, liguei o plugue na tomada ao lado do armário, me virei e deparei-me com um homem barbado que devia ter quase trinta anos. Para dar um fim naquilo, prendi um lençol em frente a uma das janelas, um pedaço de pano em frente à outra e me sentei no sofá, tomado por uma agitação maravilhosa; era como se a velocidade dentro de mim fosse maior do que a velocidade externa.

Ouvi uns discos, preparei chá, li umas páginas de *Fome*. Na rua começou a chover. Nas curtas pausas entre as faixas do LP eu ouvia os pingos tamborilarem de leve na janela logo atrás da minha cabeça. De vez em quando eu ouvia os ruídos de alguém arrumando a casa no andar de cima, tudo enquanto a noite caía e o apartamento aos poucos escurecia. Eu ouvia passos na escada, vozes entusiasmadas no andar de cima, música, o pessoal estava se preparando para uma festa.

Fiquei pensando se eu não devia ligar para Ingvild, ela era a única pessoa que eu conhecia na cidade, mas logo abandonei a ideia, não havia como encontrá-la sem estar preparado, eu teria uma única chance e não podia desperdiçá-la.

Ingvild tinha deixado uma impressão esquisita em mim. Eu havia passado meia hora sentado em uma mesa na companhia dela.

Seria possível se apaixonar durante um encontro de meia hora?

Ora, claro que sim.

Seria possível que uma pessoa desconhecida, sobre a qual eu não sabia praticamente nada, fizesse eu me sentir completo?

Claro que sim.

Me levantei e peguei as cartas dela. A mais longa havia chegado no meio do verão, Ingvild contou que estava atravessando os Estados Unidos com a antiga família americana, eles estavam parando em todos os pontos turísticos interessantes ao longo do caminho, e não eram poucos, segundo ela, quase todas as cidades

hotel de concreto e vidro chamado Neptun, o nome era adequado naquela cidade onde a água não parava de pingar e escorrer, pensei, e em seguida pensei que eu tinha que me lembrar daquilo para tomar nota assim que eu chegasse em casa, olhei para longe e descobri um grande portão de concreto no fim da rua de passeio, e no mesmo instante eu soube que aquele era o antigo portão da cidade, porque a minha mãe tinha me mostrado um outro idêntico, porém no outro lado do centro. Atravessei a rua, deixei para trás um grande prédio de escritórios que se erguia da água como um rochedo, dobrei a esquina e à minha frente estava o Strandkai terminalen, de onde saía o barco para o Sognefjorden, e ainda mais atrás estava Vågsbunnen.

Um arrepio de felicidade percorreu o meu corpo. Era a chuva, eram as luzes, era a cidade grande! Era eu mesmo, eu seria um escritor, um astro, uma luz para os outros!

Passei a mão pelos cabelos, ainda úmidos de gel, enxuguei-a na perna da calça e apressei o passo na esperança de que aquele sentimento de felicidade perdurasse até a minha chegada em casa e por todo o longo tempo que eu passaria no estúdio até a hora de me deitar.

Enquanto eu dormia naquela noite, tive a impressão de que a cama estava na rua. Não era tão estranho assim, pensei ao despertar, provavelmente acordado pelos dobres dos sinos distantes, porque a cama ficava junto à parede das janelas, e não apenas eu ouvia cada passo dado na calçada do outro lado claramente, como a casa também ficava em um cruzamento onde pessoas a caminho dos mais diferentes lugares detinham-se para conversar após uma noite na cidade, e do outro lado da estrada havia uma cabine telefônica usada com frequência durante a noite por gente interessada em chamar um táxi, com enormes grupos ao redor, e por gente disposta a dizer o que trazia entalado na garganta para namorados, namoradas ou quem quer que fosse que os

— Claro, tudo bem — eu disse. — Mas esperem um pouco, eu tenho que me vestir.

Quando descemos a escada, Asbjørn e Yngve puseram óculos escuros. Os meus tinham ficado em casa, mas daria muito na vista se eu voltasse para buscá-los, então deixei aquilo de lado e começamos a descer as ruas úmidas que brilhavam com o reflexo dos raios de sol que atravessavam os buracos na grossa camada de nuvens acima da nossa cabeça.

Eu só tinha visto Asbjørn umas duas vezes, nunca tinha falado muito com ele, mas assim mesmo sabia que era uma pessoa importante para Yngve, e nesse caso importante para mim também. Notei que ele ria bastante, e que depois ficava totalmente em silêncio. Tinha cabelos compridos e umas suíças discretas, um rosto gorducho com olhos atentos e calorosos. Não raro aqueles olhos cintilavam. Como Yngve, naquele dia Asbjørn estava todo vestido de preto. Calças Levi's pretas, jaqueta de couro preta, sapatos Dr. Martens pretos com costuras amarelas.

— É muito bacana que você tenha sido aceito na Skrivekunstakademiet — ele disse. — Além do mais, o Ragnar Hovland é um ótimo escritor. Você leu os livros dele?

— Para dizer a verdade, não — eu disse.

— Você tem que ler. *Sveve over vatna* é o romance estudantil definitivo da literatura norueguesa.

— É mesmo?

— É. Ou o romance definitivo sobre Bergen. É totalmente *over the top*. O cara é muito bom. E gosta de Cramps. Não preciso dizer mais nada!

*Over the top* era uma expressão que, pelo que eu tinha notado, Asbjørn empregava com frequência.

— Sei — eu disse.

— Cramps você já deve ter ouvido.

— Já, claro.

— É amanhã que as aulas começam, não? — perguntou Yngve.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

casa de Ola, ele morava numa das ruas atrás do Grieghallen, e Yngve me perguntou se eu gostaria de ir junto, mas eu disse que não, que eu ia me preparar um pouco para o dia seguinte, embora a razão verdadeira fosse que eu estava me sentindo tão feliz que não aguentava mais, eu precisava ficar sozinho.

Nos separamos no fim do Torgalmenningen, em frente a um restaurante chamado Dickens, eles me desejaram boa sorte, Yngve pediu que eu ligasse para contar como tinha sido a primeira aula, eu perguntei se ele podia me emprestar mais um pouco de dinheiro pela última vez, ele acenou a cabeça e puxou uma nota de cinquenta coroas e então atravessei o grande espaço aberto no meio da cidade enquanto a chuva caía com força a intervalos esparsos, pois mesmo que o sol ainda brilhasse acima das casas ao longo da encosta, o céu acima de mim era azul-escuro e carregado.

De volta ao estúdio eu não apenas tirei a fotografia de John Lennon da parede, mas também a rasguei em pedacinhos e joguei tudo na cesta de lixo. Depois resolvi ligar para Ingvild e perguntar se ela não queria me encontrar no fim de semana, era uma boa oportunidade, eu finalmente estava me sentindo aliviado, e aquela leveza parecia ser uma abertura para ela, pois era nela que eu havia pensado durante todo o meu trajeto em meio aos morros, como se o meu íntimo não soubesse que não devia acrescentar à euforia após o tempo passado com Yngve e Asbjørn ainda mais euforia, mesmo que de um tipo um tanto diferente, porque enquanto o insuportável na companhia de Yngve e Asbjørn era o próprio momento presente, o que acontecia a cada instante, minha euforia em relação a Ingvild era voltada a tudo que ainda podia acontecer, a um momento futuro, em que a euforia seria desfeita e eu poderia namorar com ela.

Eu e ela.

A ideia de que era realmente possível, e não apenas um sonho irrealizável, explodiu dentro de mim.

Na rua o céu escurecia, os raios de sol haviam desaparecido por completo, a chuva caía no asfalto. Corri até a cabine telefônica, larguei o papel com o número de Fantoft em cima do aparelho, enfiei